

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS, O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

Nº. 30 • 01/05 A 31/06/2024 • R\$ 2,00

f Emancipação Socialista @ emancipacaosocialista



2

Greve da Educação Pública Federal luta contra o arcabouço fiscal

3

O martírio de mulheres e crianças palestinas

4

Sionismo, suas origens e relações políticas

6

A defesa do Estado Palestino plurinacional e o marxismo da autodeterminação dos povos

7

Não é uma “Guerra” contra o Hamas, é contra o Povo Palestino

8

Onda Palestina nas Universidades pelo Mundo

Greve da Educação Pública Federal luta contra o arcabouço fiscal

No Brasil os grandes capitalistas de diferentes maneiras se apropriam da riqueza gerada pela classe trabalhadora. Uma dessas maneiras é a existência e o aprofundamento da dívida pública brasileira, cujo sistema está a serviço do capital parasitário rentista e através do qual há a expropriação de boa parte da riqueza gerada, seja porque pagamos mais impostos diretamente ou porque o pouco que os burgueses pagam, na verdade, tem origem no trabalho explorado. É com o sistema da dívida pública que em 2023 foi gasto R\$ 1,879 trilhão com juros da dívida. Significa que a cada R\$ 5 de riqueza produzida no Brasil, R\$ 1 foi para enriquecer ainda mais os multibilionários. Esse valor representa quase a metade de todo o orçamento do governo federal.

Para garantir a “bolsa banqueiro” todos os últimos governos tomaram medidas para manter essa sangria. No governo de Michel Temer, o chamado “Teto de gastos” não colocou apenas um limite para gastos com Saúde e Educação, mas acabava por reduzir esses gastos nesse país carente de serviços públicos. Durante o governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro esse ataque ao orçamento da Educação levou a uma situação catastrófica.

Esse arrocho implementado contribuiu para que, entre 2010 e 2022, os gastos com ações não possibilitassem que muitos jovens permanecessem e não se dedicassem aos estudos, pois as políticas de permanência foram reduzidas em 68%. Mas não somente os estudantes foram penalizados, os servidores ficaram muitos



anos sem reajuste de seus salários diante da inflação, ao mesmo tempo em que tiveram sobrecarga do trabalho, uma vez que as universidades receberam mais alunos sem ocorrer contratação de novos servidores.

A eleição de Lula trazia a expectativa de recuperação do orçamento da Educação e dos salários dos servidores, afinal a promessa seria reconstruir o Brasil. Ledo engano! Apesar de não aplicar a mesma política devastadora do governo anterior, o governo Lula tampouco age para efetivamente “reconstruir” a Educação. Muito pelo contrário, não revogou nem o Novo Ensino Médio.

Governo Lula frustra expectativas

Para recuperar os salários dos servidores foi oferecido, em 2023, 9% de reajuste, índice que passou longe de repor as perdas diante da inflação. Mesmo com esse reajuste a defa-

sagem dos técnico-administrativos é de mais de 50 % e dos professores de mais de 30 %. Hoje os técnico-administrativos, maioria de servidores na Educação Federal, recebe os salários mais baixos de todo o serviço público federal e os muitos recém-concursados não ficam muito tempo em seus cargos e os abandonam em busca de melhores alternativas.

Tal desvalorização dos servidores prejudica, inclusive, a continuidade do serviço prestado às comunidades. Enquanto a movimento unificado lutava para que houvesse o reconhecimento dessa “dívida” do governo Lula com os servidores o seu ministro Fernando Haddad articulava no Congresso o chamado “Arcabouço Fiscal”, que nada mais é do que a Teto de Gastos atualizado.

Depois de meses de enrolação o governo simplesmente disse que daria ZERO% de reajuste para o ano de

2024. Depois de muitas direções sindicais terem passado quase um ano pedindo “paciência” aos servidores, pois o governo “mal tinha começado”, foram obrigadas a aceitar a greve que foi impulsionada principalmente pela penúria dos servidores técnico-administrativos. O reajuste zero significa aceitar uma perda histórica que depois será muito mais difícil de recuperar.

Os desafios da greve se iniciaram pela divisão e tratamento diferenciado dado pelo governo às chamadas carreiras de estado: polícia federal, servidores do Banco Central, etc. Carreiras poupadas pela chamada Reforma de “Estado” e que representam o braço mais importante do Estado para a burguesia: repressão e tributação. E justamente os setores que recebem salários menores receberam uma banana do governo.

Sindicalismo governista não apoia as lutas

Outro desafio é a falta de apoio das Centrais Sindicais, exceto da CSP-Conlutas, e dos partidos que se autointitulam de esquerda. O que está por trás disso é a ideia de que esse governo de “frente ampla” é nosso ou que está em disputa, ideia que representa a extinção da independência de classe e que é absolutamente necessária para o governo que a classe trabalhadora não se organize e lute por seus direitos!

É absolutamente necessário que a luta dos servidores se amplie e atinja não somente a conjunto do serviço público federal, mas os servidores de todo o país! As medidas de arrocho fiscal já atingem pesadamente municípios e Estados.

Além disso, o “Arcabouço Fiscal” atingirá o conjunto da classe trabalhadora já que para viabilizá-lo a médio prazo deve-se reduzir o mínimo previsto na Constituição para gastos com Saúde e Educação. Por isso, buscamos politizar e unificar as lutas específicas que acontecem hoje, pois o motivo da piora dos serviços públicos se resume à existência desse corte de verbas, chamado de “Arcabouço Fiscal”. Seguiremos na luta!

Corte de verbas e as tragédias no estado do Rio Grande do Sul

O governador do RS, Eduardo Leite (PSDB), cortou ou alterou 480 pontos da legislação ambiental do estado para favorecer lucros dos empresários, concedendo aos mesmos o licenciamento para explorações de áreas ambientais. Juntamente, a dívida pública bruta da União chegou a 75,7% do Produto Interno Bruto (PIB). Entra governo e sai governo,

de extrema-direita, de direita ou dito de “esquerda” o pagamento da dívida para os bancos, que jamais foi auditada, continua gerando cada vez mais cortes na Educação e Saúde públicas, saneamento básico, transportes públicos, reflorestamento, diques, muros de contenção, comportas e bombas. Enquanto isso, a Educação Federal segue em uma greve lon-

ga. Enquanto isso, nova tragédia afoga o Rio Grande do Sul. Tragédias que já tinham acontecido esse ano, em São Paulo e no Rio de Janeiro (particularmente, em Petrópolis). E como esquecer a seca no Amazonas, em 2023, outrora, uma das regiões do país com os maiores índices pluviométricos? Em resumo: CAPITALISMO MATA! E MUITO!

O martírio de mulheres e crianças palestinas

Logo após o início de mais um conflito do Estado de Israel contra o Povo Palestino, na Faixa de Gaza, em 7 de outubro de 2023, houve o primeiro acordo de trégua temporária e a troca de 50 pessoas (apresentadas na mídia burguesa como reféns do Hamas) por 150 mulheres e crianças palestinas presas por Israel.

Pode soar estranho que crianças estejam privadas de liberdade no Estado que é considerado a maior “democracia” do Oriente Médio. Quando, porém, olhamos além da propaganda que os países centrais do neoliberalismo fazem, em torno do preposto estadunidense, naquela parte do mundo nada mais choca no que diz respeito à violência de Estado e à agressão aos direitos humanos.

Mulheres e crianças são cotidianamente presas por Israel pelo fato de serem palestinas. Suas existências significam resistência e suas mortes são para a limpeza étnica perpetrada especialmente na Faixa de Gaza.

Israel quer Matar o Futuro da Palestina

Até os defensores mais ferrenhos do Estado genocida de Israel estão ficando constrangidos diante da truculência com que Netanyahu ataca alvos civis. Apesar de ser assim há mais de 70 anos, o atual conflito, tão cruel e desigual, tem servido para expor a política de extermínio de um povo que apenas reage à invasão israelense.

A intenção de dar uma solução final para o Povo Palestino fica evidente nas prisões de crianças apenas por tacarem pedras contra a violência israelense. As crianças chegam a ficar 20 anos nas “prisões administrativas”. Lá sofrem torturas e maus tratos. Não há direitos humanos reconhecidos para elas!

De 7 de outubro para cá o número de palestinos detidos “administrativamente” quase dobrou.

Em 5 de abril de 2023, poucos meses antes da ofensiva do Hamas e de Organizações de Esquerda, a polícia de Israel invadiu a Mesquita de al-Aqsa, em Jerusalém. Cerca de 350 pessoas foram capturadas e le-



vadas para as prisões “administrativas”. Era simultaneamente o Ramadã para muçulmanos e Páscoa para judeus. A polícia de invasão israelense extrapolou limites por não reconhecer o direito de culto no local, sob pretexto de que ali se encontravam extremistas (palestinos).

Na verdade, um grupo ortodoxo (extremista) judeu pretendia sacrificar uma cabra no Monte do Templo, que fica próximo à mesquita e como Israel é um Estado teocrático aos palestinos restaram as prisões “administrativas” até por rezar.

Literalmente Gestando a Intifada

Cerca de 180 mulheres palestinas dão à luz diariamente na Faixa de Gaza sem acompanhamento no pré-natal, sem as condições necessárias para o parto e se necessitam de cesariana não são anestesiadas. Os bebês, frutos de mães famintas, não têm tamanho normal. Os kits de parteira enviados pelo UNFPA (Fundo de População das Nações

Unidas) não chegam aos hospitais, pois Israel não permite. Não há analgesia adequada nem o acompanhamento da parturiente e do bebê pelo tempo mínimo de 24 horas.

Morrem em média 63 mulheres por dia em Gaza e 37 delas são mães. Mesmo mortas gestam o futuro que teima em não sumir do horizonte da Palestina. As mulheres tentam a fuga, choram seus filhos e maridos e insistem corajosamente na reprodução da vida social na Faixa de Gaza.

Mulheres e crianças são 70% das quase 34 mil vidas perdidas na Faixa de Gaza nesses pouco mais de seis meses de conflito. Há um verdadeiro cerco à saúde materna, como forma de concluir o holocausto programado ao Povo Palestino.

As mulheres seguem gestando e parindo, mesmo com todos os riscos. É uma das importantes formas de resistência e fundamental para que esse povo não deixe de existir como deseja seu algoz. Ter filhos e filhas se tornou um ato de protesto.

Mais de 950 mil mulheres e meninas foram obrigadas a deixar suas casas nos últimos meses, quase três mil mulheres ficaram viúvas e tornaram-se chefes de família. Constantemente, há mulheres tentando fugir com seus filhos quando seus maridos são sequestrados ou mortos pelas Forças israelenses. Quando são capturadas e presas, são no momento mais de 95 mulheres nessa situação, sofrem mais ainda por deixarem seus filhos abandonados. Constantemente também, as mulheres presas são expostas à privação de sono, agredidas a tapas, chutes e ameaçadas sexualmente chegando a ser estupradas. São obrigadas também a colaborar com a inteligência israelense.

O “Crime” de Lançar Pedras Contra Israel

Jogar pedras contra carros ou tanques da polícia israelense é um crime greve para os sionistas. Crianças a partir de 12 anos já podem ser presas. Entre 14 e 16 anos são considerados jovens adultos, chegando a ser condenados à prisão perpétua.

Israel não admite direito humano algum aos palestinos, sequer à infância! Crianças palestinas de 5 ou 6 anos ficam detidas por horas e crianças de 12 anos são interrogadas sem a presença de seus responsáveis. Soldados arrombam as casas à noite e levam as crianças.

A letalidade contra as crianças de Gaza aumentou desde o início do conflito e a tática de parte dos palestinos têm sido a mesma que se mostrou eficaz na Intifada de 1987 a 1993. As pedras atiradas com as mãos ou com estilingues são símbolo de resistência e conseguem matar soldados. A polícia responde alvejando acima do peito de crianças e adolescentes, mas mesmo quando não oferecem perigo.

Prender e torturar. Torturar e matar. Está certa Angela Davis em sua afirmação de que as prisões são construções onde o patriarcado branco coloca os corpos com os quais não quer lidar.

Pelo fim do massacre e do genocídio em toda a Palestina! Vida e liberdade para as mulheres e crianças palestinas! Palestina livre!

Sionismo, suas origens e relações políticas

Uma breve visita à obra de Ilan Pappe

O sionismo é um movimento político surgido no final do século XIX, defende um Estado próprio para os judeus, afirma que seus antepassados habitam aquela terra desde o ano 70 d.C. e que, desde então, vivem uma história de deslocamentos, diásporas e perseguições. Assim, toda a Palestina se tornou o destino do povo judeu.

Segundo os sionistas, nada mais justo do que retornar a terra que, historicamente, os 'pertenceria'. O século XX marcou o fortalecimento do sionismo, inicialmente com a compra de terras na região Palestina (naquele momento sob controle do Império Britânico) e depois com a aprovação pela ONU da formação do Estado de Israel, em 1948.

Mergulhando nesse tema, pretendemos entender, introdutoriamente, as raízes do sionismo e suas relações com

Para isso, selecionamos e comentamos alguns trechos da obra **Dez mitos sobre Israel**, originalmente escrita em 2017 pelo famoso escritor Ilan Pappe*.

Nessa obra, Pappe localiza o sionismo como um movimento de múltiplas origens, as quais buscavam respostas ao chamado "problema judeu". Sobre a gênese do sionismo, explica:

As raízes do sionismo moderno podem ser encontradas já no século XVIII, no chamado iluminismo judeu. Tratava-se de um grupo de escritores, poetas e rabinos que ressuscitou o idioma hebraico e expandiu os limites da educação religiosa e tradicional judaica para criar um estudo mais universal de caráter científico, literário e filosófico. Na Europa central e oriental, jornais e revistas em hebraico começaram a proliferar. Desse grupo emergiram alguns indivíduos - conhecidos na historiografia sionista como "Precursores do Sionismo" de maior tendência nacionalista, que associaram o ressurgimento do hebraico ao nacionalismo em seus escritos. Eles fomentaram duas ideias novas: a redefinição do

judaísmo como movimento nacional e a necessidade de colonizar a Palestina para devolver aos judeus a pátria ancestral da qual haviam sido expulsos pelos romanos no ano 70. Eles defendiam "O retorno" por meio do que definiam como "colônias agrícolas" (em muitas partes da Europa, os judeus não estavam autorizados a possuir ou cultivar terras, daí o fascínio com a ideia de recomeçar como uma nação de fazendeiros, e não apenas como cidadãos livres).

As ideias sionistas se tornaram mais populares após uma onda brutal de pogroms na Rússia em 1881, que as transformou em um programa político propagado pelo movimento chamado Os Amantes de Sião, que despachou algumas centenas de jovens entusiastas judeus para constituírem as primeiras novas colônias na Palestina em 1882. Essa primeira fase da história do sionismo culmina com os trabalhos e ações de Theodor Herzl. Herzl, que nasceu em Peste, no Império Austro-Húngaro em 1860, mas viveu a maior parte da vida em Viena, começou sua carreira como um dramaturgo interessado na condição e nos problemas do judeu moderno na sociedade, alegando de início que a plena assimilação na sociedade local era a chave para solucionar essa situação difícil. Nos anos 1890 ele se tornou jornalista e, de acordo com sua própria versão, foi nessa época que se deu conta da potência do antissemitismo. Herzl concluiu que não havia esperança de assimilação e optou, então, pela fundação de um Estado judeu na Palestina como melhor solução para o que definiu como "O Problema Judeu".

Pappe descreve longamente como os diversos setores ideológicos (liberais, judeus ortodoxos e reformistas) e grupos de opinião se opuseram ao sionismo em suas origens. Setores do judaísmo, especialmente o judaísmo ortodoxo, consideravam que "o sionismo inter-



feria na vontade de Deus de manter os judeus exilados até a vinda do Messias, e rechaçavam totalmente a ideia de que os judeus deveriam fazer tudo o que pudessem para dar fim ao 'Exílio'. Ao invés disso, precisavam esperar Deus se manifestar sobre o assunto e, no meio tempo, praticar o modo de vida tradicional".

Até hoje esse grupo se manifesta contra a ideia de uma Palestina controlada pelos judeus. Os demais agrupamentos, por sua vez, geralmente acabaram assumindo a "defesa de Israel" após 1948, as Guerras e a consolidação colonizatória.

Ainda na época das origens do sionismo, uma minoria de rabinos afirmava que "Esses rabinos não apenas conclamavam os judeus a deixar a Europa, mas também afirmaram que, para os judeus, colonizar a Palestina cultivando suas terras era não só uma obrigação nacionalista, mas também religiosa (...) seria a realização das profecias dos profetas e promoveria a plena redenção do povo judeu e a vida do Messias".

Um aspecto interessante em tal polêmica é

que o sionismo tem laços com a lógica antissemítica pois, representa, ao menos no espaço europeu, a possibilidade de uma Europa “livre de judeus” com todos migrados para a Palestina.

Muito além de uma sequência lógica do judaísmo, a tradicional religião dos antigos hebreus, o sionismo, se aliou amplamente ao pensamento bíblico, algo presente nas escolas israelenses hoje em dia e muito secundarizado nos tempos pré sionistas.

Curiosamente, o movimento sionista bebeu do conteúdo bíblico, segundo Pappe, por que ali encontrava trechos e versículos que justificavam sua perspectiva colonizatória e antiárabe. Especialmente os ditos “socialistas” envolvidos em tal movimento utilizavam a retórica bíblica, mesmo sem acreditar em deus algum. Ironicamente, significava não crer na religião, mas se aproveitar dela.

Um dos usos mais intrigantes da Bíblia pelo sionismo é aquele praticado pela ala socialista do movimento. A fusão entre socialismo e sionismo começou a ganhar importância após a morte de Herzl em 1904, quando as várias facções socialistas se tornaram os partidos predominantes dentro do movimento sionista internacional e na Palestina. Para os socialistas, como disse um deles, a Bíblia fornecia “o mito de nosso direito sobre a terras”. Era na Bíblia que liam histórias sobre fazendeiros, pastores, reis e guerras hebraicas, das quais se apropriaram enquanto descrições de uma antiga era de ouro do nascimento de sua nação. Voltar aquela terra significaria voltar a ser fazendeiro, pastor e rei. Assim, eles se viram confrontados com um paradoxo desafiador, pois queriam ao mesmo tempo secularizar a vida judaica e usar a Bíblia como justificativa para colonizar a Palestina. Em outras palavras, mesmo que não acreditassem em Deus, Ele lhes havia prometido a Palestina.

Que tipo de socialismo era esse? Segundo Pappe, que também levanta a mesma questão, “o período de ouro do sionismo é associado a uma vida coletivista e igualitária incorporada pelos *kibutzim*, esse modo de vida perdurou muito tempo após a fundação de Israel e atraiu jovens do mundo todo, que foram até lá como voluntários para vivenciar o comunismo em sua forma mais pura. Muito pouco entendiam, ou poderiam saber, que a maior parte do sistema de *kibutzim* foi construída sobre vilarejos palestinos destruídos, cujas populações foram expulsas em 1948”.

Nesse sentido, foram vergonhosas para a história do socialismo e dos socialistas as práticas da suposta “esquerda sionista”, as quais



pareciam ignorar as consequências do avanço colonizatório sobre os povos habitantes da Palestina. De qualquer forma, essa “esquerda” do movimento acabou absolutamente superada a partir da consolidação do reacionarismo sionista, o qual foi se moldando e se aproximando das ideologias políticas mais racistas e reacionárias presentes no mundo contemporâneo.

Nessa síntese introdutória, buscamos demonstrar que o sionismo não deve ser confundido especificamente com o judaísmo nem com qualquer movimento específico e de forma isolada.

O sionismo é fruto de uma diversidade de elementos unificados a partir dos interesses, inicialmente marginais e depois amplamente hegemônicos, quanto ao retorno judeu a uma suposta pátria anterior, a terra ancestral da Palestina. Para isso, um amplo conteúdo justifi-

cador foi constituído desde o século XIX e hoje está absolutamente consolidado através do genocídio de Netanyahu sobre a Faixa de Gaza.

** O autor, além dessa obra, tem mais de 30 títulos entre livros e artigos sobre o conflito israelense-palestino desde suas origens. Filho de imigrantes judeus alemães e nascido em Haifa em 1954, Pappe foi professor sênior na Universidade de Haifa, entre 1984 e 2006, mas por seus estudos e por sua denúncia vigorosa a respeito da limpeza étnica aplicada pelo sionismo ao povo palestino, sofreu pressões e ameaças que o levaram a exilar-se na Inglaterra, onde vive até hoje. Sugerimos a leitura completa de **Dez mitos sobre Israel**, de Ilan Pappe: Editora Tabla, 2022.*



A defesa do Estado Palestino plurinacional e o marxismo da autodeterminação dos povos

Introdução

A questão nacional nunca passou despercebida pelo marxismo revolucionário. Marx e Engels, no “Manifesto do Partido Comunista” já tinham abordado a relação da questão nacional e de sua relação com ação internacional. Décadas depois, a Revolução Russa de 1917 e a III Internacional, dirigidas por Lênin e Trótski, avançaram mais nesse debate, colocando como fundamental o respeito e a defesa

da autodeterminação dos povos, assim como a luta contra a opressão dos mesmos. Diferentemente de um nacionalismo reacionário, que motivou a eclosão da I Guerra Mundial e a capitulação dos principais partidos da II Internacional aos imperialismos em conflito, os bolcheviques sempre apontaram como um princípio o respeito à autodeterminação dos povos. Um exemplo disso foi, logo após a Revolução Russa, que a Finlândia se autodeclarou inde-

pendente da URSS, sem que os revolucionários russos desrespeitassem essa decisão. Atualmente, esse debate do respeito da autodeterminação dos povos retorna com força com o massacre que o povo palestino vem sofrendo do Estado sionista. Nesse sentido, entendemos como nossa a luta do povo palestino contra o colonialismo sionista e que a mesma tem que estar combinada ao combate ao imperialismo e à luta pelo socialismo.

Um pequeno resumo de cem anos da História da Palestina

As terras a oeste do Rio Jordão, conhecidas como Palestina, ficaram sob colonização inglesa de 1920 até 1948, a partir da derrota pelo Império britânico do Império Turco-Otomano, no final da 1ª Guerra Mundial. Isso se somou às revoltas dos súditos árabes de 1916, em território otomano. Antes, o imperialismo inglês já tinha estabelecido as fronteiras do que se chamaria Oriente Médio, uma região estratégica, pois era a rota para as colônias inglesas no Extremo Oriente.

Nessa época, a população árabe era em torno de 93% e a população judia somente de 7%. Cidades como Jerusalém, Gaza, Jericó, entre outras, expressavam a prosperidade econômica. Foi nesse contexto, que o imperialismo inglês deu o sinal verde para os nacionalistas judeus (os sionistas) para migra-

rem para a Palestina.

Desde o final do século XIX, o sionismo, sob a liderança do austríaco Theodor Herzl, procurava responder ao antisemitismo e aos “pogroms” (massacres de judeus) na Europa. Reivindicava, de forma sectária, a colonização do território palestino. Segundo os sionistas, a região tinha sido ocupada por “estranhos”. A ideologia sionista não deixava de ser uma resposta nacionalista reacionária para se contrapor ao marxismo, esse com grande penetração nos judeus mais pauperizados e com expoentes de origem judia como Karl Marx, Friederich Engels, Rosa Luxemburgo e Leon Trótski.

Com o acordo dos ingleses, os sionistas iniciaram a colonização da Palestina, se apoiando na ocupação militar imperialista britânica. Para o Império britânico foi importante, porque ele ganhou uma população aliada para se contrapor ao nacionalismo árabe. Ao longo de quase três décadas, os judeus se tornaram 1/3 da população da Palestina e passaram a controlar a atividade econômica. Os árabes palestinos foram expulsos das terras, que cultivaram por gerações, seus produtos boicotados e eles foram excluídos dos empregos nas empresas criadas pela crescente presença dos sionistas.

Tudo se intensificou com a ascensão de Hitler e dos nazistas ao poder e sua prática criminosa antisemita: houve a fuga de centenas de milhares de judeus para a Palestina, que au-

mentaram o controle econômico da região. Em decorrência, o empobrecimento cresceu na população palestina e foi determinante para a grande revolta árabe de 1936, com uma Greve Geral e outras ações, processo que foi esmagado pelo imperialismo inglês e pelos seus aliados sionistas e que geraram milhares de mortes.

Com o final da II Guerra, os sionistas retomaram a ofensiva política, a partir da denúncia do holocausto praticado pelos nazistas em cima de 6 milhões de judeus. Esse foi o argumento fundamental para a defesa da conformação do Estado judeu, nos moldes defendidos pelos sionistas, e passou a ser a campanha central dos imperialismos norte-americano e europeu na ONU, com a anuência da burocracia stalinista, respondendo as exigências da poderosa burguesia sionista.

Com as bases econômica, política e militar do futuro Estado sionista montadas ao longo de três décadas, em 1948, criou-se o Estado de Israel, como o resultado de 30 anos de expropriação dos árabes palestinos pelos sionistas. A falácia do lema sionista de “uma terra sem povo para um povo sem terra” não só elevou ao conceito de povo uma religião, como criminosamente ignorou que existia um povo que habitava a região, os palestinos, majoritariamente muçulmanos, com uma pequena minoria cristã. Passados 75 anos, o mundo continua assistindo um processo de limpeza étnica em cima dos palestinos, dentro do seu território.

Como o marxismo revolucionário deve se posicionar na questão palestina?

A atual guerra e as 34 mil mortes de palestinos, na maioria mulheres e crianças, são a expressão do extermínio de um povo. Mostram também a impossibilidade da ideia defendida pela Autoridade Nacional Palestina, de coexistência pacífica de dois Estados, palestino e judeu. Além de ser fundamental para o desenvolvimento das forças destrutivas da humanidade e da escalada da indústria bélica (um dos maiores negócios capitalistas da atualidade, Israel, se continuar existindo, vai prosseguir no genocídio de palestinos. Portanto, para o povo palestino sobreviver, o Estado de Israel tem que acabar. Finalmente, é necessário a defesa do direito à autodeterminação do povo palestino frente ao invasor sionista, com a restituição imediata dos seus territórios. E também apontar para uma Palestina soberana, laica, democrática e, fundamentalmente, plurinacional, onde palestinos (muçulmanos e cristãos) e judeus possam conviver livremente e harmonicamente.





**NÃO É UMA “GUERRA”
CONTRA O HAMAS,**

**É CONTRA O POVO
PALESTINO**

*O Estado Palestino
que vem sofrendo
desde 1947/8
(portanto já são
76/77 anos)
com a criação do
Estado de Israel e a
aplicação de uma
política sionista,
sequer tem um forte
exército com forças
militares regulares.*

Primeiramente cabe questionar a expressão “Guerra”, que tem sido usada pela mídia burguesa para se referir ao genocídio que vem sendo perpetrado pelo Estado sionista de Israel contra o Povo Palestino.

Uma Guerra pressupõe a existência de dois exércitos ou forças militares de, pelo menos, dois países que estejam em conflito um contra o outro.

O Estado Palestino que vem sofrendo desde 1947/8 (portanto já são 76/77 anos) com a criação do Estado de Israel e a aplicação de uma política sionista, sequer tem um forte exército com forças militares regulares.

Talvez isso ajude a explicar a discrepância nos números de vítimas de um lado em relação ao outro. Enquanto Israel tem um alto número de mortos que fica na casa de dezenas de pessoas, pelo lado Palestino já são exorbitantes, segundo o Gabinete de Comunicação Social do Governo, até a última semana de Abril/24, cerca de 14873 crianças mortas, 9801 mulheres que perderam suas vidas e mais ou menos 41454 desaparecidos.

Mas, o que caracteriza um Estado sionista? É aquele que prega e aplica uma ideologia racista e colonial, que nada guarda semelhanças com a tradição humanista da religião Judaica (muito calcada na valorização da mulher, portanto matriarcal). Israel é exatamente esse Estado sionista.

Mas mesmo entre os seus habitantes existem muitos que são antissionistas, justamente aqueles que manifestam um comportamento de ojeriza a essa ideologia.

É importante demais não confundir antissionismo com antisemitismo. Esse último é o ódio sistemático aos Judeus. Ódio que atingiu seu ápice no Holocausto, período que corresponde ao governo do Partido Nazista na Alemanha e inclui os cerca de 7 anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Com o final da Guerra e de todas as suas atrocidades, as estimativas são de, pelo menos, 6 milhões de Judeus mortos.

Na tentativa de reunir os milhares/milhões de Judeus que saíram dos seus países de origem para fugir da Guerra e estavam espalhados por todo o mundo, foi construído o conceito de “Povo Judeu”. Oras, falso conceito, pois o Judaísmo é uma religião!

Daria para imaginar no Brasil o Povo Católico? Povo Evangélico? Povo da Umbanda? Em princípio todos ou a maioria dos países se consideram laicos, ou seja, todas as diferentes religiões podem coexistir.

Então, em 1947, foi “criado artificialmente” pela ONU (Organização das Nações Unidas) o Estado de Israel, que antes não existia, mas, em 1948, teve declarada sua independência. Nesse processo o território Palestino foi dividido em dois, um “Estado Judeu” e outro “Estado Árabe”.

Desde o início os judeus foram favoráveis a essa invasão, o que não ocorreu com os árabes. Daí em diante ocorreram vários conflitos/guerras na região. E desde o começo, vários países capitalistas centrais, especialmente Estados Unidos e Reino Unido se aliaram à Israel fornecendo ajuda militar, financeira e outras, para obter em troca o apoio de Israel na dominação dessa região tão rica em Petróleo, Gás Natural, etc.

Para alcançar esse objetivo Israel tem sido fiel na opressão e repressão ao Povo Palestino com invasões, expropriações de terras, destruição de casas, perseguições, prisões, assassinatos e as mais variadas formas de repressão. Essa é parte da explicação da resistência e organização do povo Palestino.

A luta das Organizações de Esquerda e da classe trabalhadora não podem ser vistas somente como uma luta do Hamas. Ainda assim, a formação do Hamas, do Fatah e de outros grupos armados são para enfrentar a grande e forte força militar de Israel. Insistimos em reafirmar o título desse artigo, não é uma “Guerra” do Hamas contra Israel, é a justa reação do Povo Palestino para recuar o que é seu!!!



Onda Palestina nas Universidades pelo Mundo

Manifestações pró-Palestina estão tomando conta das universidades nos Estados Unidos e em várias partes do mundo, são estudantes exigindo ações concretas em resposta ao genocídio de Israel em Gaza, que já dura mais de sete meses. Os protestos têm resultado em centenas de prisões nos últimos dias, com envolvimento de professores, jornalistas e até políticos, como a candidata à presidência dos EUA, Jill Stein.

Na Universidade de Columbia, em Nova York, uma das instituições mais prestigiadas dos EUA, protestos pró e contra a guerra têm se intensificado, com a polícia dispersando acampamentos montados por estudantes. Várias outras universidades em todo o mundo testemunharam grandes manifestações, incluindo universidades proeminentes como Yale, Harvard, Virginia Tech, University of Texas em Austin e University of California em Berkeley.

Na Austrália, as manifestações ocorrem nas Universidades de Melbourne e Sydney. No Canadá, nas Universidades McGill e Concordia.

Na França, ocorreram barricadas no Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po) e na Universidade Sorbonne, dois centros de excelência europeia. Na Itália, os estudantes estão mobilizados na Universidade Sapienza. No Reino Unido, nas Universidades de Leeds, na College London e na Warwick. No Japão, na Universidade de Waseda.

Os acontecimentos na Universidade de Columbia evocaram memórias sombrias de conflitos passados, como o tiroteio fatal pela Guarda Nacional de Ohio contra estudantes da Universidade Estadual de Kent, em 1970, durante protestos contra

a Guerra do Vietnã.

Tais protestos acontecem em meio à continuidade do genocídio executado pelo estado de Israel contra a população Palestina. Já são 35 mil mortos, sendo maioria de mulheres e crianças.

Os Estados Unidos são o apoiador mais importante do estado de Israel, fornece e financia armamento, têm participação e responsabilidade direta no genocídio contra o povo palestino. Mesmo com os protestos, o presidente americano Joe Biden reafirmou seu apoio a Israel e ao massacre repudiando os atos pró-Palestina. Isso evidencia a proximidade entre democratas e republicanos referentes aos temas mais centrais, como a política militar internacional, aos ataques contra a classe trabalhadora e o apoio ao genocídio contra os palestinos.

No Brasil, o estado brasileiro ainda mantém relações diplomáticas com Israel, bem como relações econômicas. Enquanto isso, outros países foram mais adiante e romperam relações com esse país. Da mesma forma, universidades brasileiras também devem desfazer qualquer cooperação com universidades israelenses, como forma de boicote à política sanguinária do estado genocida de Israel.

As lutas dos estudantes pelo mundo demonstram que parte da juventude está indignada e com revoltas por não aceitarem mães e pais agonizando e chorando sobre os corpos sem vida de seus filhos. A fome e as doenças, ativamente organizadas pelo Estado sionista, se espalham rapidamente.

Apoiamos as ondas de resistência da juventude pelo mundo e lutamos para que essa onda esteja viva nas universidades brasileiras!